

Aspectos da tradição no Seridó potiguar: a força da consciência comum no Brasil

Douglas Araújo¹

Resumo

Este artigo discute a força da tradição na região do Seridó potiguar e mostra que ela é um traço perene na formação do caráter nacional, desde o seu início até os dias atuais. Os elementos centrais da discussão são a família patriarcal e o judaísmo-cristão católico. Esses construtos sociais foram resgatados na sua história e analisados sob a ótica das ciências humanas. A tradição é analisada como elemento da consciência comum. No caso do Brasil, em suas regiões e sub-regiões, a consciência comum é preponderante frente a consciência orgânica contratual.

Palavras-chave: Tradição; Espaço; Representação.

Aspectos de la tradición en el Seridó potiguar: la fuerza de la conciencia común en el Brasil

Resumen

Este artículo discute la fuerza de la tradición en la región del Seridó potiguar. La intención es demostrar su trazo perenne en la formación del carácter nacional, desde sus inicios hasta los días actuales. Los elementos centrales de la discusión son la familia patriarcal y el judaísmo-cristiano católico. Estos constructos sociales fueron rescatado en su historia y analizados bajo la óptica de las ciencias humanas. La tradición se analiza como elemento de la conciencia común. En el caso de Brasil, en sus regiones y subregiones, la conciencia común es preponderante frente a la conciencia orgánica contractual.

Palabras-clave: Tradición; Espacio; Representación.

A Presença da Família Patriarcal na Formação do Seridó-RN

O seridoense José Pires (2000) conta que, segundo a tradição da família, seu sexto avô, que foi sesmeiro de terras onde hoje fica a cidade de Florânia, na época ribeiras do Acari, veio do Recife fugido de perseguição por ser um infrator. As terras originárias dessa sesmaria chegaram até a geração do senhor Pires. Em sua história de vida, ele revelou que, com a morte de seu pai deu-se a última partilha entre os herdeiros dessa antiga sesmaria. Seus irmãos, inclusive ele, venderam os lotes de terra da herança a um cidadão, fora da família.

¹ Doutor em Ciências Sociais; Professor de Departamento de Ciências Sociais da UFRN. salgoud@uol.com.br

Juvenal Lamartine, nascido em agosto de 1874, na ribeira do Seridó, mais precisamente na cidade de Serra Negra-RN, na época, pertencente ao município do Caicó, descendente de sétima geração de um legítimo sesmeiro da região, em suas crônicas jornalistas, informa que, a propriedade do seu sexto avô, Manoel Pereira Monteiro, fora uma fazenda de gado, tendo %duas léguas de terra pelo Rio Espinharas abaixo, com três léguas para o nascente e três para o poente do mesmo rio+ (LAMARTINE, 1996, p.13). Ele confessa acerca desses domínios que seu ascendente os recebeu por doação de seu tio Manoel Barbosa de Freitas, cunhado dos Oliveira Ledo.

O mesmo cronista diz mais que Manoel Pereira Monteiro chegou as ribeiras do Espinharas com família constituída e criada, composta de cinco filhos. Dois dos quais eram padres: João e Fernando Pereira Monteiro. Dos três restantes, apenas um constituiu família legítima. Ele, Manoel Pereira Monteiro Filho, casou-se em Pernambuco, na família Tavares de Goiana. Das suas filhas, três casaram com os irmãos pernambucanos João Gomes de Faria, Joaquim Gomes de Faria e Luiz Álvares de Faria. %Foram grandes criadores de gado e tiveram numerosa descendência, que se estendeu por alguns municípios da Paraíba até o Teixeira.+ (LAMARTINE,1996, p.14).

Em 15 de junho de 1847, na Vila do Acari, Manoel Antônio Dantas Correia, contando 79 anos de idade, escreveu um documento memorável, no qual, entre outras coisas, dá informações precisas sobre seu pai, o coronel de Milícias Caetano Dantas Correia. Segundo ele, seu pai nasceu em 1710 e, aos dezessete anos de idade, se encontrando órfão dos pais, acompanhou seu irmão mais velho, Antônio Dantas Correia, para o Sertão do Piranhas e lá se fixou como vaqueiro do mesmo.

Vinte e cinco anos depois, ele veio para o Seridó, conduzindo um bom rebanho de gado, comprou fazendas e solicitou sesmarias. Logo que chegou na região, por volta de 1753, casou com a filha de um outro sesmeiro, também povoador pioneiro do lugar, Tomaz de Araújo Pereira. Um bisneto desse último, de mesmo nome, foi o primeiro presidente da Província do Rio Grande do Norte após a independência do Brasil (CORREIA, 1909).

Na maioria das vezes, para a ocupação da terra, a regra foi se apossar primeiro da terra, fundar os currais, apascentar os rebanhos e só depois solicitar o título de sesmaria. Já que não era a regra esses posseiros solicitarem data de

sesmaria previamente à posse, pois sabiam ou suspeitavam de o título pertencer a outrem, é presumível que, pelas condições da época, a presença de posseiros fosse em número maior do que se pode deduzir pelos documentos oficiais. É provável, ainda, que os menos constrangidos para o ato de solicitação fossem aqueles que possuíam alguma ascendência fidalga em algum grau.

Essas variáveis favoreceram, também, à possibilidade, em áreas do sertão, da coexistência tensa, e até mesmo conflitante, do posseiro/sesmeiro e do posseiro sem título de posse. Pela tradição oral, é sabido que Caetano Dantas Correia e Tomaz de Araújo Pereira eram desafetos, por questão de terra, até antes dos acontecimentos que desembocaram no casamento de Caetano com a filha de Tomaz. Talvez o simples ressentimento pelo fato de Caetano ter chegado à região bem depois e ser encarado como forasteiro interessado nas terras locais.

Tudo faz crer que nesse ponto prevaleceu para os sertões, e em especial, para o sertão do Seridó, o mesmo que validou no litoral como elemento cultural de bom êxito do sentido da formação da sociedade colonial. O colonizador aventureiro, impulsivo, agente celular de um outro sentido histórico que não o da nucleação familiar patriarcal, não constituiu o lado vencedor na formação do sertão antigo.

Como centro pivotante, dinâmico e aglutinador, a família rural patriarcal sertaneja estruturada na riqueza pastorícia, na mão-de-obra semi-servil e no trabalho escravo complementar, contraiu para si várias funções sociais, econômicas e culturais. Entre elas estava implícita a função de mando político e militar. Parafraseando Freyre (1987), nessa similitude com o litoral, o mandonismo ou nepotismo madrugou no sertão.

O sagrado como elemento tradicional na constituição do imaginário e da cultura Seridó potiguar

Como na antiga tradição hebraica, esses colonos vencedores tinham a convicção de estarem cumprindo a missão sagrada de proliferar em dezenas, em centenas e, se possível, em milhares, seus descendentes, tomando para si as terras do semiárido no Seridó, como uma nova terra santa, espaço da promessa, da permissão, da queda pelo pecado, e também, como lugar da remissão desses pecados. Dessa forma, foram convictos construtores da fé de viverem, na glória e na

fartura, sob a graça e, na escassez e penúria, sob a ira do senhor seu Deus, Jesus Cristo.

A fala de Manoel Antônio Dantas Correia, perenizada em preto e branco, é um testemunho infalível do quão eram cômicos dessa fé, os antigos colonos dessas plagas seridoenses. Homens que, no exercício de suas ações pastoris diárias, rotinizaram seus valores ibéricos caldeados no encontro das três etnias, e se constituíram em grandes patriarcas. A crônica desse habitante do sertão do Seridó é mais que um simples documento, é a memória viva do lugar. Embora cheia de ruídos marcados pelo tempo, ela retrata, em letras garrafais, o universo simbólico e material da região nos idos do XVIII e da primeira metade do XIX.

Nos registros das secas oitocentistas e as primeiras do século seguinte, o documento do ~~o~~velho+sertanejo é rico de referências feitas ao Velho Testamento. São comuns os momentos nos quais o texto sagrado e o contexto da época se confundem. Ao falar de sua ascendência, Manoel Antônio Dantas Correia diz com a força de suas palavras que pertence a uma prole de nove irmãs e dez irmãos, dos quais dois faleceram em tenra idade. Os sobreviventes foram todos criados e educados por seus pais, o coronel Caetano Dantas Correia e sua esposa, Dona Josefa, ~~no~~os dogmas da religião catholica e regras do bem viver+(CORREIA, 1909, p.15).

Principiava a adolescência de Manoel Correia, tinha ele cerca de dez anos, quando teve início a primeira seca de sua existência humana: a de 1777-78. Treze anos depois, começou a grande estiagem . 1791-93 . do século XVIII nos sertões nordestinos. No Seridó, conta nosso cronista, foi grande a devastação nas fazendas e nas famílias durante os dois períodos de estiadas, com destaque para os três anos sem chuvas regulares naquelas paragens. Grandes perdas nos rebanhos, o flagelo de famílias se deslocando para o litoral e para os brejos, a fome e a morte rondando as estradas e a canícula da terra ressequida a se abater sobre os esqueléticos sobreviventes.

Mas, para o narrador dessa tragédia, a ira do Senhor se arrefeceu no último ano do esgarçamento. Apesar de irregular, o ano de 1793 abriu com chuvas em janeiro, ~~po~~orem poucas e salteadas+(CORREIA, 1909, p.17), a lavoura de milho e feijão associada à semeadura de maxixes, jerimum (abóboras) e melancias de pronto se fizeram, e a fartura dessas culturas foi abundante ~~M~~itigou-se a fome,

porque a benfazeja Providencia (grifo nosso) fez com que tão pouca chuva, tão pouca semente de milho e feijão ajudada com o leite de cabras fizesse fartura no povo+(CORREIA, 1909, p.17).

Segundo essa inteligência predominante na época, a promessa das terras semiáridas do Seridó não se fazia apenas com a condução, pela sapiência do Senhor Deus, dos destinos desse novo povo eleito+, mas também, pelas semelhanças do sertão com as antigas regiões por onde vagou Moisés e seu povo.

O final do século XVIII e início do seguinte foi de inverno e muita fartura, abundância em todas as culturas e nos rebanhos em geral, levando o nosso narrador a considerar que tão boa foi a reforma que fez a seca no sertão+(CORREIA, 1909, p.18). Segundo ainda o mesmo documento, após o triênio seco, 1794 foi bom de inverno, ocorrendo, entretanto, três tipos de pestes: uma de gafanhotos, outra de cobras cascavéis e a terceira de ratos. Estes eram tantos que os peixes traíras pescados nos alagados do Acauã, traziam em seu ventre esses mamíferos roedores.

Avançavam os anos do século XIX, no final do seu primeiro quadrante (em 1825) outra seca e, Manoel Correia parece atento a tudo que se passa a sua volta.

O registro de fenômenos como a seca e as pestes, fortalece a imagem sagrada que o nosso narrador e seus coevos tinham das terras do Seridó. Tanto é que, na sequência narrativa vem um outro comentário a respeito de outros acontecimentos da época, o qual se mostra lapidar nesse sentido: foi naquele anno que se descobriu e verificou neste rio Acauã, no Seridó, um novo Nilo; e mais vantajoso que o antigo Nilo+(CORREIA, 1909, p.19).

Os anos de 1826 e 1827 foram de prodigiosa+abundância; o Nilo do Sertão produziu, a fartar, melancias, jerimuns e melões, alimentando bem nossos moradores e os que regressaram dos Brejos e não morreram de fome nas estradas, antes de alcançar o nosso Nilo+. Neste [ano] houve outra ainda mais prodigiosa, e foi de uma imensa quantidade de pombas rôlas à semelhança das cordonizes dos tempos antigos de que fallam as escripturas+(CORREIA, 1909, p.19).

O tirocínio do cronista segue os acontecimentos climáticos e sociais do seu meio, adentrando as décadas de trinta e quarenta do século XIX. Entre 1826 e 1844, foram quase duas décadas com precipitações pluviométricas regulares; com o Seridó vivendo esse período de calmaria, sempre em bonança+. Depois das

maiores irregularidades nos invernos de 1843-44, o ano seguinte foi de escassez geral de chuvas. Esse novo flagelo encontrou os seridoenses mais aquinhoados para fazerem frente aos suplícios da seca.

Agora a agricultura era uma realidade compulsória às populações dos sertões nordestinos, e em particular do Seridó. O cultivo de milho, feijão e farinha se espalhou da vazante do Acauã para outros rios da bacia do Piranhas-Açu e em outras direções, tanto é que no ano de 1846, com chuvas quase regulares, fez-se um continuado exercício de plantações por todos os sertões e suas serras (CORREIA, 1909, p.22).

O proeminente é que nas efemérides de Manoel Correia a pouca agricultura reinante surge como mais uma prova da presença ativa de Deus na história daqueles habitantes. Durante a seca de 1845, não deixaram de cair chuvas nos Brejos, o que foi o suficiente para saciar a sede da principiante agricultura naquela terra agreste. Com uma copiosa produção de mantimentos, o comércio entre os sertões secos e seus oásis foi intenso, havendo feiras de mais de cem cavalgadas; todas saíram carregadas, e por preços razoáveis, e ainda sobrar mantimentos; parece que a grande maravilha obrada no deserto por Jesus Christo está aparecendo em nossos dias (CORREIA, 1909, p. 23).

Aqui, como de resto em todo o Brasil, essa maneira de pensar o mundo se tornou sólida, também pelo caráter do catolicismo ibérico, eivado das tradições pagãs da Península e, também, pela sua quase infinita capacidade de amalgamar elementos culturais do ameríndio e do negro. Por outro lado, o universo simbólico dos povos dominados ofereceu apenas minúsculos pontos de resistência a esse mestiçamento.

Esse texto que chegou até o nosso tempo não era o pensamento particular de um homem, que além do hábito de rememorar o passado, registrando-o em cores vivas num pergaminho do seu tempo, tinha suas responsabilidades com as lides do seu rebanho e de sua fazenda, além das de chefe de família. Com certeza, ele condensa diversos momentos de produção/reprodução daquilo que pensava a população de pastores, vaqueiros e agricultores daqueles arrabaldes sertanejos.

Um testamento de 02 de novembro de 1752, de Inácio da Silva de Mendonça, vaqueiro do sítio São Miguel, da fazenda de Cupuá, situada na ribeira do Seridó, é um atestado incontestado dessa fé reinante na população daquele sertão. Doente de

cama, o enfermo dita seu documento dizendo, entre outras coisas, que primeiramente encomendo a minha alma a Deos nosso senhor que a criou e espero que pellos merecimentos da Morte e Payxam de nosso Senhor Jesus cristo a há de salvar.+(MEDEIROS FILHO, 1983, p.133).

Como se pode depreender, a vida celestial estava em primeiro plano, era, e continuou sendo até muito recente, a maior preocupação do homem do campo, cabendo a vida terrena ou material e a tudo a ela associado um status inferior.

A seca era um tema vivo. Como prova o escrito de Manoel Correia, já deitava raízes no passado e no presente daqueles homens da segunda metade do século XVIII, desde os seus momentos mais tenros de vida. Sem dúvida, sua discussão e interpretação fora assunto das reuniões de domingo nas fazendas, nas missas da freguesia mais próxima, nos atos de desobriga dos padres itinerantes, nas feiras dos povoados e vilas e, também, nos versos poéticos do cantador de viola. É duvidoso pensar que ele estava só nas reflexões de um grupo social.

Como dissemos, a imaginação do escritor sertanejo e dos seus interlocutores seguia um jogo de espelho e semelhanças entre o mundo do Velho Testamento e as terras do sertão do Seridó potiguar.

Essa crônica não teve a mesma sorte de muitos caboclos sertanejos, não pereceu aos reveses do clima e sobreviveu ao tempo; é uma prova, uma testemunha em juízo da relação que tinham os habitantes do Seridó Antigo. A resistência desse documento é a mesma que sua tradição evoca: os sertanejos do Seridó potiguar permaneceram fiéis a ela até início do último quarto do século XX.

No parágrafo seguinte, num flagrante maior, o nosso personagem explicita bem as imagéticas da terra sagrada, que povoavam a sua consciência e de seus conterrâneos. Falava do crescimento dos rebanhos em anos fartos e, tudo faz crer, tentava complementar seu raciocínio anterior: %melhorarão os tempos, multiplicarão os gados que pareciam já não cabiam na terra; contava a porção que já se acha a terra cheia, conforme o que disse o Senhor a Noé quando sahiu da arca.+ (CORREIA, 1909, p.23).

Para os sertanejos, a seca era um mistério de Deus, uma maneira de extirpar o mal e promover o bem. Neste sentido, algo necessário, principalmente no sertão do Seridó, onde, segundo o documento de 1847, elas %eformam os gados para viçarem; tem feito os homens industriosos+(CORREIA, 1909, p.24).

Por outros aspectos já mencionados, a sacralização do sertão seridoense, pelos seus povoadores, não se encerrava na fetichização da natureza do semiárido, como apenas o resultado direto da sua relação com o espaço geográfico. Diante de um mundo incerto, cheio de surpresa e que por vezes põe em perigo a vida dos seus pecadores, como inspira essa frase, %o céu conserva-se triste e ameaçador: limpo, claro, nem uma nuvem e se alguma aparece é logo desfeita pelo vento que continua a soprar do Nordeste+ (CORREIA, 1909, p.49). Era preciso dar provas de temor à ira do Senhor Deus, evitar a queda em tentações, seguir as regras e os ensinamentos antigos e sagrados.

Essa breve apresentação desses dois elementos, a família patriarcal e a fé cristã católica, da tradição no sertão do Seridó potiguar, não tem a pretensão de esgotar todos os aspectos das tradições ou tradição daquela região. Esse pequeno desfile da tradição, apresentado aqui tem o propósito, nesse encontro, de provocar algumas reflexões a luz de três contribuições teóricas das ciências humanas.

As interpretações historiográficas deHobsbawm, em %a invenção das tradições+ (1997). Enfatiza ele quea invenção das tradições tem sua importância para a história, porque para esse ofício, é salutar e dever, buscar estabelecer as conexões entre tradição, ou tradições, passado longínquo ou recente, presente e futuro.²

Esse trabalho é fruto de pesquisas que mostram o quanto esses elementos da tradição, destacados acima, perduraram e perduram na região do Seridó potiguar (ARAÚJO, 2006). É verdade que com a morte da sociedade rural desse lugar, a tradição foi abalada.

Abordagens teóricas sobre a tradição

Essas considerações históricas contemplam em parte o desejo de saber e compreender os fenômenos da tradição e suas relações com o presente, que quase sempre ensejam uma relação paradoxal! Para os homens do presente ora a tradição se apresenta como um atraso e um obstáculo ao desenvolvimento, ou como queiram, um obstáculo para o progresso; ora como realização social de grupos

² %Todavia todos os historiadores, sejam quais forem seus objetivos, estão envolvidos nesse processo, uma vez que eles contribuem, conscientemente ou não, para a criação, demolição e reestruturação de imagens do passado que pertencem não só ao mundo da investigação especializada, mas também à esfera pública onde o homem atua como ser político+ Ibidem,p.22.

sociais e indivíduos que, herdando o patrimônio material e/ou simbólico da tradição, desfrutam de melhor mobilidade social na sociedade.

Esses questionamentos que envolvem a origem mais longínqua das tradições e as razões de sua emergência ou configuração social, bem como essas clivagens que atribuem a tradição traços do atraso e como obstáculos ao desenvolvimento social do presente, tem recebido a atenção de outras disciplinas das ciências humanas, e não apenas da ciência da História.

Aqui nesse texto é feita uma apresentação sumária, para efeito de compreensão da análise de Freud, em *Totem e Tabu* (1974) e *Mal Estar na Civilização* (2006), que fornece elementos para uma explicação da origem da família patriarcal e do cristianismo judaico, objeto dessas reflexões aqui ensejadas; e das análises de Durkheim, em *Da divisão do trabalho social* (1995) destacando o quanto a força da consciência comum, sinônimo de tradição ou solidariedade mecânica, pode atrasar ou retardar o desenvolvimento da consciência contratual ou solidariedade orgânica.

Para Freud (2006) nossa vida mental carrega, de algum modo, toda a herança de nossas experiências emocionais dos nossos ancestrais. Essas experiências emocionais, até mesmo as mais primitivas são revividas tanto nas primeiras interações mãe/pai/filho, e vice-versa, como nas relações com o mundo, com a natureza e com os outros, a partir da vida infantil e durante a luta pela superação da infância e no desenvolvimento da vida adulta quando o homem tem que se relacionar com o mundo saindo do ego centralizador detudo, para a vida em sociedade com seus conflitos e desafios culturais e sociais. Esses são também conflitos individuais do homem consigo mesmo na luta pelo domínio do corpo, da natureza e das relações com os outros.

Nesse campo de longa duração da vida mental, o pensamento freudiano destaca a variável do *complexo ambivalente pai filho* (FREUD, 1974), que segundo ele, está presente na conformação da transição da horda primeva para o início do processo civilizatório, com a constituição das fratrias, dos clãs e das tribos. Sendo que nesse limiar da civilização os tabus e o totemismo são as primeiras formas de consciência do homem, e o início da cultura e da moral humana. Nessa tese as religiões têm no totemismo sua expressão mais primitiva.

Embora de tradição judaica, o autor se inclina para encontrar nos rituais totêmicos os elementos constituintes embrionários também no judaísmo-cristão. O mesmo se dar na exposição da formação e constituição dos clãs fica claro o desenvolvimento da linhagem patriarcal.

Essa força social preponderante em quase todas as sociedades da Europa Ocidental na Idade Média e início da Idade Moderna, e que através do contato colonizador chegou até o Nordeste brasileiro, como foi apresentado na parte inicial dessa discussão. Essa linhagem patriarcal esteve presente na formação das aristocracias e da nobreza europeias, incluindo as aristocracias do Mediterrâneo.

As parentelas nordestinas, que são reminiscências desses modelos aristocráticos ocidentais, também tiveram nos coroneis de milícias seu correlato com os *condottieres*, figura comum nas regiões quinhentistas do Mediterrâneo, e também presente na Alemanha, Inglaterra e em outros países da Europa Ocidental.

No continente europeu os *condottieres* entram em decadência com a formação do Estado moderno, quando são organizados os exércitos nacionais. No Brasil, e especialmente no Nordeste, o advento da República incorporou o coronel à Guarda Nacional, embora o coronel, como se convencionou chamar na literatura especializada, também continuasse desempenhar papel político importante durante todo o século XX, e através do seu mandonismo, do seu patrimonialismo do Estado e congêneres, deitou e deita raízes nas décadas iniciais do XXI.

As famílias tradicionais no Brasil continuam herdeiras do poder político e da cultura tradicional do fazer político nacional através de sucessivas gerações. Esse é *know-how* político brasileiro, atualmente tão conhecido do cidadão comum, que vicejou aqui por todo o século XX e também nas duas décadas iniciais do XXI. Como um magma está presente em todas as vertentes políticas do momento

Nessa permanência do tradicionalismo no poder, na cultura e na vida social, como uma liga fez uso e abuso da fé cristã, em todas as suas modalidades. Esse conservadorismo foi e é uma constante da nossa história local, regional e nacional. Sem maiores descrições para o momento, cita-se dois fenômenos, entre outros possíveis, que atestam essa afirmação: a existência de uma forte bancada evangélica no Congresso Nacional, e as frases discursivas dos nossos parlamentares na votação do *impeachment* da governante do Brasil em 2016.

Nesse episódio a maioria quase absoluta dos congressistas que votaram, segundo seus pronunciamentos transmitidos em cadeia nacional de rádio e televisão, declararam os seus votos em defesa da família e da fé no Deus cristão para justificar sua posição em favor do afastamento da presidente.

Para o sociólogo, as tradições familiares, os costumes, as regras morais populares e as religiões, todas elas construídas pelas relações sociais baseadas na similitude, representam a %solidariedade mecânica ou consciência comum+ (DURKHEIM, 1995). Nesse padrão do desenvolvimento da consciência social, as sociedades se apresentam com pouco ou quase nenhuma divisão do trabalho social, e, portanto, a coesão social ou solidariedade só é possível pela consciência coletiva comum. São sociedades de valores morais praticamente homogêneos. Quando ocorre divisão social, ela é de caráter segmentado.

Seus estudos são do final do século XIX, contemporâneos das sociedades europeias, filhos da revolução artesanal e da segunda revolução industrial. Essas pesquisas dão conta da existência de uma nova forma de solidariedade ou coesão social presentes nas sociedades europeias daquela época. Essa nova forma de coesão social, ele vai intitular de %solidariedade orgânica ou consciência contratual+ (DURKHEIM, 1995).

Porém, enquanto a base social constitutiva da consciência comum é a similitude expressa nas relações sociais simples, as estruturas sociais edificadoras da consciência orgânica ou contratual são os atores sociais interagindo socialmente através de profissões diferentes regulamentadas ou mediadas pela divisão do trabalho social, como móvel primário do processo.

Nesse fenômeno social, atuaram e atuam igualmente as causas ou móveis secundários, como a densidade social, a densidade material e a densidade moral. A conjugação desses fatores resultou e resulta em um processo de dinâmica social densa. Para o autor %a densidade moral não pode aumentar sem que a densidade material aumente ao mesmo tempo, e esta pode servir para medir aquela+ (DURKHEIM, 1995, p.253). Portanto, seria infrutífero buscar uma relação de causa e efeito nessa dinâmica, são fatores inseparáveis.

Se a consciência orgânica contratual é cria e criatura da modernidade, na medida que essa avança, a consciência contratual também seria progressiva e preponderante frente à consciência comum, a menos que essa seja suficientemente

forte e resista ao avanço da outra. Para tanto, seria necessário que ocorresse a ausência da divisão do trabalho social, ou sua presença seja frágil, e com ela, seus componentes interligados: a densidade material, a densidade social e a densidade moral, é o que se pode deduzir dessa leitura.

Por tudo que já foi dito sobre a persistência da tradição no sertão potiguar, e de resto, em todo o Brasil, a hipótese desse artigo é a de que o complexo divisão do trabalho social, densidade material, densidade social e densidade moral na sociedade brasileira foi ao longo da história frágil, ou de pouca densidade dinâmica, situação que se estende até os dias atuais.

No Brasil a divisão do trabalho social foi pouco desenvolvida, fora inexistente ou era mitigada e comprimida pelo modelo colonial agrário exportador escravista. Mas, mesmo depois do fim da escravidão e da proclamação da República, o modelo agrário exportador prosseguiu até a terceira ou quarta décadas do século XX. Ademais, a industrialização brasileira não foi antecedida por uma forte fase de indústria artesanal, como ocorreu na Europa, onde o período manufatureiro levou mais de dois séculos de desenvolvimento.

Tal afirmação não condena as sociedades de modernidade retardatária a ter que percorrer as etapas das sociedades clássicas no Ocidente, como Inglaterra e França, entre outras. Até porque os chamados *tigres asiáticos*, todos caracterizados como países de modernidade tardia, conseguiram se modernizar na segunda metade do XX, desenvolvendo altos padrões de densidade material e sofisticada divisão do trabalho social.

No caso do Brasil, além do roteiro histórico percorrido pelo nosso desenvolvimento, com passagem direta de uma economia agrícola para uma sociedade em industrialização acelerada, teve esse processo acompanhado por escolhas políticas feitas pela sociedade, pelas elites e pelos sucessivos governos, do tipo que não favoreceram ao desenvolvimento da divisão do trabalho social baseado na qualidade e diversidade técnica do capital social.

O caminho do enfrentamento das exigências técnicas do trabalho e da tecnológica pela sociedade brasileira sempre foi a estratégia da importação em detrimento da formação nacional daqueles fatores.

Logo no começo da colonização a opção foi a importação da mão-de-obra escrava oriundos de regiões da África, aonde a agricultura sedentária era mais desenvolvida.

Mesmo no complexo açucareiro alguma demanda por mão-de-obra comum, mas diferenciada por ofícios simples, se resolvia via importação de negros de regiões diversas da costa africana. Os negros de Cabo Verde e São Tomé, em geral, eram preteridos por serem considerados fracos. Os negros afeitos a ofícios de mecânica eram trazidos de Angola. Já os negros do Congo eram considerados industriais e adequados a faina da cana e serviços domésticos. Os mais espertos eram, às vezes, aproveitados para aprender ofícios, tornando-se caldeiros, carpinteiros, calafates, tacheiros, barqueiros, marinheiros etc.+(ANDRADE, 2011, p.98).

Quando o nível técnico exigido fora mais complexo, o recurso da importação também se fez presente. Nesses casos, a origem da mão-de-obra era do próprio continente europeu: %Daí haver tido Duarte Coelho, logo nos primeiros tempos, o cuidado de importar técnicos da Europa, os quais eram quase sempre israelitas.+ (ANDRADE, 2011, p.78).

Compreende-se que o início tenha sido assim, dadas as condições de ocupação e colonização da Colônia, porém, questionável que o sentido desse modelo tenha se perpetuado até os tempos atuais, isso em maior e menor grau, dependendo do período e dos setores da sociedade submetidos aos estresses da mudança técnica e tecnológica dentro da conjuntura nacional e global.

Sem dúvida, esse modelo tornou-se uma escolha da nossa sociedade e perdura, também, como tradição cultural. Nosso sistema educacional pouco interfere para mudar esse aspecto da cultura brasileira, pelo fato do mesmo ter seus fundamentos de origem pautados pelo modelo escolástico, e mesmo tendo passado por mudanças ao longo do século XX, preserva um perfil bacharelesco, distante da vida social prática e do mercado de trabalho. Essas características estão cristalizadas em todo o atual sistema educacional do Brasil.

Com rara inflexão, esse modelo importador de tecnologia e técnicas de trabalho atravessou todas as etapas que sucederam ao período colonial.

Sem dúvida, as mudanças ocorridas no Brasil durante o século XX geraram graus de desenvolvimento da divisão do trabalho social e da densidade social, especialmente no Centro-Sul, porém, com limites claros como a manutenção da

importação de tecnologia e com uma formação técnica da mão-de-obra voltada apenas para aplicação prática da tecnologia adquirida; o que não foi suficiente para romper o ciclo dominante da consciência comum.

Reforçando o que foi dito acima, será mostrado de forma breve o perfil atual do setor terciário da sociedade brasileira. Qual a importância desse setor para a compreensão da hipótese de trabalho aqui arguida? A importância é simples, mas fundamental. Segundo os dados do IBGE, citados pelo SIMBRACS³, em 2013 o terciário participou com 70% da formação do PIB brasileiro. E mais ainda, nessa mesma data, segundo essa fonte o mercado de emprego formal do país registrou 73% da mão-de-obra com carteira assinada nos serviços privados e no comércio, segmentos que compõem o terciário.

Ainda pelos dados do IBGE, citados na página virtual do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços⁴, o rendimento médio desses trabalhadores que em 2003 era de R\$ 1.746,45, em 2015 passou para R\$ 2.273,44 um aumento nominal de 30% da renda média dos empregados no setor.

Sem dúvida esses dados mostram a dimensão e a importância do terciário na formação da renda nacional e na composição da mão-de-obra do mercado brasileiro. Por outro lado, dentro do enfoque aqui desenvolvido, a sociedade brasileira com esse perfil reforça a hipótese desse trabalho. Em outras palavras, saber que 73% dos trabalhadores brasileiros com carteira assinadas estão inseridos no terciário da economia nacional, que tem como porção maior os segmentos dos serviços privados e do comércio, *locus* social de pouca densidade dinâmica, no sentido durkheimiano, preponderando as atividades simples, de menor complexidade. Isto significa que a consciência comum, discutida aqui pelos elementos da tradição, tem nesse mosaico social aderência e fertilidade proliferadora e de fortalecimento contínuo.

Nesse sentido, para o propósito desse artigo pode-se afirmar que a consciência orgânica ou contratual na sociedade brasileira se encontra enclausurada pela consciência comum.

³ Disponível em http://www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl_1414688276.pdf. Acesso em 14/05/2017.

⁴ Disponível em <http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-servicos/a-secretaria-de-comercio-e-servicos-scs/402-a-importancia-do-setor-terciario>. Acesso em 15/05/2017.

Para tanto basta olharmos para o atual cenário político brasileiro. Nele as disputas vão para o campo pessoal da intriga, da inveja, da vingança, da detração moral dos oponentes e de seus líderes. Esses choques impetuosos constituem-se geralmente em disputas mesquinhas, entre ~~torcidas~~ ~~organizadas~~ de um lado e do outro, medindo a pequenez de cada partido, de cada liderança e, ao mesmo tempo, cortando como gume de navalha, língua ferina do moralismo em voga na sociedade brasileira, convertido em cinismo escancarado como regra de convivência social.

Para quebrar essa longa duração de preponderância da consciência comum no país, seria necessário a definição clara do papel que o país ocupa no processo de globalização, indicando qual o padrão de densidade dinâmica que se deseja para a sociedade brasileira, e dessa forma, definir políticas públicas claras com metas na direção dos objetivos escolhidos.

Do contrário, iremos navegando em calmarias, a reboque da globalização enquanto sociedade, e internamente subordinados, enquanto sociedade civil, aos grupos que melhor operam os recursos da consciência comum, geralmente confundido com a manipulação das mídias. Na verdade, não temos uma mídia hegemônica, mas sim uma consciência comum hegemônica, ou preponderante em termos durkheimiano. O sucesso da mídia está em trabalhar com eficácia esse poder da consciência comum.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 8 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

ARAÚJO, Douglas. **A morte do sertão antigo no Seridó**: o desmoronamento das fazendas agropecuaristas em Caicó e Florânia (1970-90). Fortaleza: Banco do Nordeste, 2006.

CORREIA, Manoel Antônio Dantas. Crônica. In: GUERRA, Phelippe; GUERRA, Theophilo. **Secas contra secca**. Rio de Janeiro: Cruz Coutinho, 1909.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: FREUD, Sigmund. Obras completas, Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. 25 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric.; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LAMARTINE, Juvenal. **Velhos costumes do meu sertão**. Natal: Fundação José Augusto, 1996.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhos inventários do Seridó**. Brasília: Senado Federal, 1983.

PIRES, José. **História de vida**. Entrevistado: Douglas Araújo. Natal, 2000. 1 fita cassete (120min.).

Recebido em 10 de abril de 2017.

Publicado em 19 de maio de 2017.